



UNICAMP



Ideologias geográficas no Brasil: o território na perspectiva de Sílvio Romero

Palavras-chave: Território brasileiro. Sílvio Romero. Ideologias geográficas.

Matheus Anézio Pereira Gusmão
m222132@dac.unicamp.br
Antonio Carlos Vitte
vitte@unicamp.br

1. INTRODUÇÃO

Em conformidade com José Fábio da Silva (2016) e Isabella Melim Borges (2018), o Brasil, ao longo do século XIX, passou por dois processos políticos de extrema importância para sua história: a independência de Portugal, em 1822, e a proclamação da república, em 1889. Adentrando os dois acontecimentos, temos que, com a independência, observou-se o rompimento dos laços coloniais com a coroa portuguesa e o estabelecimento, no Brasil, de uma monarquia; contudo, na dimensão econômica, ocorreu a permanência de uma estrutura colonial de produção baseada no trabalho escravo, com o objetivo de atender ao mercado externo (Costa, 1990; Furtado, 2003).

Em relação ao segundo momento, ou seja, no que tange ao estabelecimento de uma república no país, houve o início de uma modernização, com a expansão de estradas de ferro e relativo desenvolvimento industrial (Silva, 2016). Entretanto, nesse momento o Brasil ainda mantinha como principal pauta econômica a plantação e exportação de café, de modo que tal dinâmica intensificou a dependência brasileira ao setor agrícola da economia (Pinto, 1990). Ademais, ainda existiam questões ligadas ao lugar do negro na sociedade brasileira, tendo em vista o fato de que este grupo recebera a alforria e de que constituíssem o maior contingente demográfico do país (Costa, 2010; Machado, 1995).

Do ponto de vista intelectual e literário, Borges (2018) afirma que, no Brasil desse período, houve um surto de ideias revolucionárias para o momento, questionando o então romantismo vigente em parcelas da intelectualidade brasileira (Adeodato, 2003) bem como do papel do catolicismo e da monarquia (Skidmore, 2012). Borges (2018) argumenta que esse aumento de ideias e discussões tem relação com a melhora das condições materiais de uma parcela da população brasileira por volta de 1860, quando ocorreu uma “inversão no movimento dos capitais: antes empregado no tráfico negreiro, são agora utilizados no comércio e num embrião industrial” (Borges, 2018, p. 283). Ademais, de acordo com a autora, alguns acontecimentos na Europa, como a proclamação da Terceira República Francesa, em 1871, chegaram ao Brasil estimulando discussões intelectuais. Nesse contexto, surge a assim chamada Escola do Recife.

Antonio Candido (1988) abordou este momento de efervescência intelectual das novas ideias, sobretudo no contexto da discussão sobre os rumos que a república deveria tomar. De acordo com o autor, a Escola do Recife passou a produzir e disseminar um pensamento social que tinha como



bases teórico e filosóficas a mescla do positivismo com o evolucionismo do darwinismo social¹, e que tinha nas questões vinculadas às raça e miscigenação o foco de suas formulações intelectuais (Schwarcz, 1993; Skidmore, 2012). Vale lembrar que, como comenta Cruz Costa (1967), na Europa de então, ou seja, do século XIX, começava-se a disseminar o positivismo comtista, o darwinismo social, o evolucionismo spenceriano e o intelectualismo de Taine. Mais tarde, tais ideias chegariam ao Brasil.

De acordo com Borges (2018), pode-se dizer que a Escola do Recife teve significativo papel na construção de interpretações sobre o Brasil, que sustentaram a visão de mundo das elites dirigentes e “deram suporte teórico aos projetos de construção de uma nação” (Borges, 2018, p. 283; Schwarcz, 1993). Tratava-se de um momento de questionamento da ordem intelectual vigente, pautado sobretudo no pensamento de matriz francesa (Passos, 2021). Entre os intelectuais que aderiram a essas concepções da Escola do Recife, vale destacar Sílvio Romero (1851-1914), formado em direito na capital pernambucana, e que terá seu pensamento e uma de suas obras estudadas neste projeto de pesquisa.

Cynthia Machado Campos (1998) afirma que Sílvio Romero viveu em um momento em que a grande preocupação da maioria dos escritores brasileiros circulava em torno do “nacional”, do entendimento do nacional. Segundo a autora, as ideias de Sílvio Romero assumiram um grande significado para a cultura brasileira e os seus estudos políticos influenciaram toda uma geração de pensadores, como Gilberto Freyre (Skidmore, 2012). Trata-se, portanto, de um intelectual de importância singular para o pensamento social do país.

Alexandrina Luz Conceição (2000) comenta que o pensamento de Sílvio Romero teve como influenciadores, principalmente, Hippolyte Adolphe Taine, E. Renan, A. de Prévile, Max Müller, Herbert Spencer, Auguste Comte, Arthur de Gobineau entre outros que tinham, como orientações intelectuais, o individualismo liberal, privilegiando as idéias de liberdade e progresso (Conceição, 2000). Contudo, é Pierre-Guillaume-Frédéric Le Play quem influenciou sobretudo o pensamento de Sílvio Romero, principalmente no contexto de crítica aos caminhos que a república havia tomado.

A produção de Sílvio Romero precisará ser vista, então, a partir da contribuição desses autores. Tendo como referência a tríade meio - terra - população, Sílvio Romero escreve o “O Brasil Social”, lançado em 1960, e que tem, como objetivo, “pensar a nação brasileira, o caráter nacional; sua preocupação consiste em definir a “geografia do Brasil” no sentido de encontrar caminhos de construção de mudanças” (Conceição, 2000). É esta a obra de Sílvio Romero que analisaremos.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa de iniciação científica, e aqui façamos nosso recorte teórico, buscou responder às seguintes perguntas: quais as concepções de Sílvio Romero acerca do que seria - ou deveria vir a ser - o território brasileiro, sobretudo a partir de uma perspectiva situada no campo da ciência geográfica? Quais eram as visões do intelectual brasileiro acerca da dinâmica territorial brasileira, ou seja, Romero era favorável a uma expansão ou a uma contração do território? Como seriam fixadas as fronteiras brasileiras internas e externas?² Para Romero, o povo vinha antes do território? Se sim, por quê? Quais as razões? Quais eram os agentes da produção do território?

¹ A tese de Fernando José Coscioni, intitulada “O Darwinismo Social na Geografia Humana estadunidense: um estudo de obras selecionadas de Ellsworth Huntington e Ellen Semple”, defendida em 2019, apresenta importantes contribuições para compreender os pressupostos filosóficos e epistemológicos tanto do darwinismo quanto do evolucionismo.

² A compreensão de fronteiras internas e externas aqui se baseia na tese de doutoramento de Márcio Cataia, intitulada “Território Nacional e Fronteiras Internas: a fragmentação do território brasileiro.”



Para tanto, buscamos definir o conceito que seria basilar para sua dissertação. Como possuíamos o objetivo de estudar as ideias de um autor acerca do país, acreditamos que o conceito de território nos seria útil. Destarte, as produções dos geógrafos brasileiros Antonio Carlos Robert Moraes e Márcio Cataia foram primordiais - ambos o têm como foco de análise em seus escritos. Especificamente, Moraes se debruçou sobre a construção do conceito em seu livro “Território e História no Brasil”, de 2005. Márcio Cataia, por sua vez, em seu artigo “Território político como fundamento e fundação do Estado”, de 2011, nos mostra a historicidade do conceito e de como o mesmo pode ser atrelado à ideia de fundação do Estado Nacional.

Consideramos necessário, porém, lembrar que, embora não houvesse, no período em que viveu Sívlio Romero, a institucionalização de uma geografia acadêmica, vale dizer que “antes disso já existiam práticas geográficas sendo realizadas no país (...). Existia um saber geográfico sem existir o campo disciplinar da geografia, isto é, existia uma geografia em outras formações, em várias instituições.” (Moraes, 2002). Dessa construção, entendemos ser possível analisar as contribuições de Sívlio Romero para o entendimento acerca do território, portanto, do Brasil.

Ainda utilizando o aporte teórico de Moraes, em seu artigo “Notas sobre identidade nacional e institucionalização da geografia no Brasil”, de 1991, o autor nos mostra como é possível estabelecer uma relação entre a ciência geográfica e a identidade nacional, ou seja, a construção da nação³. Essa, de acordo com o geógrafo brasileiro, se dá sobretudo a partir daquilo que o autor chama de “ideologias geográficas” presente no livro de 1996, intitulado “Ideologias geográficas: Espaço, cultura e política no Brasil”.

Essa última elaboração nos parece importante para entendermos os questionamentos colocados anteriormente: quais eram as representações elaboradas pela sociedade brasileira acerca da realidade territorial do país no século XIX e início do século XX? De forma mais específica, quais as concepções de Sívlio Romero acerca do território? Quais discursos proferia sobre ele? Nesse sentido, Moraes (2005, p. 93) nos traz a importância de “tentar detectar quais leituras do espaço se hegemoniza[ra]m num país, quais influíram nas representações coletivas de uma nação, quais orienta[ra]m diretamente a produção de seu território.” Trata-se, portanto, de uma pequena tentativa de lidar com a questão colocada por Moraes (2002) de que a “história da Geografia brasileira ainda está para ser contada. Há ainda um número pequeno de estudos historiográficos, mas há grandes buracos negros na história da Geografia no Brasil”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Sívlio Romero: pressupostos teórico-epistemológicos

Sívlio Romero, intelectual brasileiro que viveu e produziu ao longo do século XIX e XX produziu diversos textos e artigos. Parte da pesquisa teve como objetivo, portanto, compreender aspectos aspectos biográficos, epistemológicos e filosóficos do autor, de modo a entendermos, assim, as ideologias geográficas presentes no pensamento deste sergipano formado em direito, mas que exerceu, ao longo da vida, diversas funções, como jornalista, professor e político. Especificamente sobre aspectos biográficos, a obra “Sívlio Romero: dilemas e combates no Brasil da virada do século XX”, de Maria Aparecida Rezende Mota, serviu como principal referência, sobretudo para se compreender a Escola do Recife, movimento intelectual do qual o autor fez parte e que, de acordo com Mota (2000), marcou a época, dada as renovações por ela trazidas durante a história intelectual

³ A nação entendida aqui a partir de Benedict Anderson em “Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo”



do império. Além do referido texto, “O Brasil de Sílvio Romero: Uma leitura da população brasileira no final do século XIX”, de Alberto Luiz Schneider, também deve ser citado.

Na produção de Maria Aparecida Rezende Mota, um resumo biográfico da vida de Sílvio Romero, há a relação do mesmo com uma importante corrente filosófica que adentrou no país: o positivismo de Augusto Comte⁴. Segundo Mota (2000), Sílvio Romero incorporou, do positivismo, a assim chamada Lei dos Três Estados. Por outro lado, Ivan Fontes Barbosa, em “Lugares de Sílvio Romero na sociologia brasileira”, afirma que o autor também acreditava, derivado dos princípios positivistas, na importância da ordem, da disciplina e no repúdio à agitação e insurreição social. Por outro lado, em Barbosa (2018), aparece uma contradição constante nas relações do autor com correntes epistemológicas e filosóficas: há uma certa dificuldade, por parte dos autores, em situar Sílvio Romero como um adepto do positivismo ou não⁵. Essa relação talvez ocorra devido ao fato de que, segundo Barbosa (2018) e Pereira (2008) houve, no Brasil da época, uma adoção à brasileira de ideias vindas de fora, incorporando elementos próprios dos autores que aqui viveram, escreveram e produziram.

Movimento parecido pode ser aplicado acerca da incorporação de princípios evolucionistas no pensamento do autor sergipano. De acordo com Maria José de Rezende, em “Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Manoel Bonfim e o evolucionismo sociológico”, Herbert Spencer teria exercido certa influência em Sílvio Romero a partir da ideia de que princípios biológicos poderiam ser aplicados a contextos sociais, de modo que, tal como nos primeiros, haveria, nos segundos, um crescimento, amadurecimento e envelhecimento ao longo de sua vida (Rezende, 2003). Entretanto, e novamente aparece a “adaptação à brasileira” de ideias vindas do exterior, Romero acreditava que o Brasil, um país voltado a uma economia agrária e com os grandes fazendeiros exercendo significativa influência na sociedade, durante seu processo de evolução, não necessariamente teria, na industrialização, uma manifestação de sua evolução para uma maior complexidade (Rezende, 2003).

Outro elemento relevante para compreendermos o método de Sílvio Romero encontra-se nos escritos do francês Pierre-Guillaume-Frédéric Le Play. Lia Osório Machado, em “Ideias fora do lugar: o desenvolvimento do pensamento geográfico no Brasil no século XX” afirma que, a partir de Le Play, Sílvio Romero acreditava ser possível fazer generalizações a partir de observações. Em “A família na obra de Frederic Le Play”, de Tarcísio Rodrigues Botelho, há uma descrição do método do referido autor, em que a família, a observação direta e a comparação são utilizadas para o estudo de uma determinada sociedade. Para Le Play, a observação direta da realidade permite a ele afirmar que as diferenças entre as raças humanas guardam relação direta com os lugares habitados e com o clima (Costa Filho, 2020).

À essas concepções científicas da época, somava-se outra: a da raça enquanto elemento preponderante para entender as diferentes realidades socioeconômicas e as desigualdades existentes entre as nações, inclusive na dimensão interna destas⁶. Contudo, há, novamente, contradições no pensamento de Sílvio Romero: embora acreditasse nas diferenças raciais⁷, reconhecia o valor da mestiçagem em suas dimensões biológica, social e racial (Costa Filho, 2020), ou seja, das relações entre raças diferentes que haviam composto a formação social brasileira, ainda que, conforme comenta Cícero João da Costa Filho, em seu artigo “Turbulência de ideias: Sílvio Romero, entre a crítica

⁴ Sobre o positivismo no Brasil e sua relação com a nação ver “A formação das almas: o imaginário da república no Brasil”, de José Murilo de Carvalho.

⁵ Alfredo Bosi, no artigo “Cultura” presente no livro “A Construção Nacional 1830-1889”, de José Murilo de Carvalho, afirma que Romero era “adversário do positivismo”.

⁶ Sobre o assunto, ler “Nem preto nem branco, muito pelo contrário: Cor e raça na sociabilidade brasileira”, de Lília Moritz Schwarcz.

⁷ É o que diz Alfredo Bosi (2012) ao analisar “História da literatura brasileira”, de Sílvio Romero.



literária e a sociologia de seu tempo (1851-1914)”, o autor acreditasse na preponderância da raça branca. Em Sílvia Romero tal processo, ou seja, a mestiçagem, era o marco daquilo que poderíamos chamar de povo brasileiro nos termos de Darcy Ribeiro em “O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil”. Uma importante manifestação do pensamento do autor pode ser observada em uma de suas últimas produções, particularmente o livro “O Brasil Social e Outros Estudos Sociológicos” que será analisado a seguir.

3.2 Análise de o Brasil Social, de Sílvia Romero

Publicado pela primeira vez em 1912⁸, o “Brasil Social e Outros Estudos Sociológicos” trata-se da última obra de Sílvia Romero. Trata-se, portanto, da produção em que o pensamento do autor parece estar consolidado, do ponto de vista intelectual. Nela, é possível verificar elementos oriundos do pensamento dos diversos autores que o influenciaram, como, por exemplo, a partir do método de estudo das famílias e grupos sociais de Frederic Le Play e do evolucionismo social de Herbert Spencer.

Em “O Brasil Social e Outros Estudos Sociológicos” podemos identificar que, para Sílvia Romero, o povo vinha antes do território. Isso fica evidente ao notar que o autor, no livro em questão, levanta uma série de problemas que podem ser entendidos a partir de uma certa psicologia social. Não obstante, ao percorrer o território brasileiro, e utilizando o método de Frederic Le Play, Romero identifica, ao fazer uma observação local e utilizando o que o autor denominou de “monografias especiais” (Romero, 2001, p. 36), ou seja, uma certa etnografia a partir do levantamento de dados oriundos dos lugares em que a população brasileira estava fixada, mas também de sua renda, trabalho, propriedade e bens, Romero identifica que o brasileiro pode ser enquadrado dentro do que o autor denomina de sociedade de formação comunitária⁹, e que seria responsável por manter o atraso brasileiro frente às nações civilizadas, identificadas como sociedades de formação particularista¹⁰.

Ao identificar essa diferença de formação social entre o Brasil e as nações que, naquele momento, para o autor, constituíam o mundo civilizado, Sílvia Romero propôs o que o autor denomina, em seu último capítulo, de “Remédios”. Para o intelectual brasileiro, a saída para o Brasil, de deixar de ser uma sociedade comunitária para uma sociedade de formação particularista, estava em duas asserções: a primeira asserção estava na importância da educação para que se mudasse a psicologia social, ou seja, que se deixasse de depender significativamente do Estado para se inserir, na mentalidade brasileira, a iniciativa, o individualismo. Romero inclusive elogia, neste ponto, o modelo de escola existente na Inglaterra.

A segunda asserção de Romero estava na importância da imigração, sobretudo do norte da Europa. Trata-se, aqui, da importância do elemento imigrante para o desenvolvimento do “povo brasileiro”, como elaborou Darcy Ribeiro. Romero acreditava, e aqui é possível identificar novamente as influências de Herbert Spencer, nas diferenças entre os povos do norte da Europa e daquele que havia se desenvolvido no Brasil, do ponto de vista civilizatório. Romero, embora acreditasse que o Brasil era mestiço, identificava, na seleção social, mediante a entrada no Brasil do elemento europeu, particularmente de uma região específica, a contribuição dos povos oriundos deste subcontinente para a evolução do povo brasileiro.

⁸ A obra analisada, no entanto, foi a de 2011, publicada pelo Senado Federal do Brasil.

⁹ Para Romero, de forma sintética, as sociedades de formação comunitária seriam aquelas dependentes fortemente do Estado. Nessa formulação do autor, podemos identificar as influências de Spencer, a partir da crítica ao Estado e, conseqüentemente, da visão do autor acerca de um certo individualismo liberal.

¹⁰ As sociedades de formação particularista, identificadas como aquelas sobretudo do norte da Europa, teriam, como principal característica, um senso de individualismo, de iniciativa.